

DO IMPRESSO À TELA: a constituição da narrativa digital contemporânea em blogs¹

Jéssica de Souza CARNEIRO²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Mediadas pelo computador conectado à Internet, as práticas de escrever, produzir sentido, transmiti-lo e recebê-lo, na contemporaneidade, se adaptam a um método de comunicação eletrônica. As mudanças geradas por esse processo se refletem nas manifestações narrativas, agora marcadas por características diferenciadas. Essa modalidade de escrita que podemos chamar de narrativa digital, a partir do século XX, ganha contornos muito peculiares quando manifestada em interfaces como a dos blogs, gênero textual propício a esse formato de escrita, com histórico, estrutura e organização já bastante delimitados na memória dos conteúdos digitais disseminados por intermédio da mídia online.

PALAVRAS-CHAVES: Narrativa; Digital; Blogs.

1) Vislumbrando a narrativa digital

O advento das novas tecnologias trouxe uma nova configuração para os procedimentos da comunicação escrita. Essa situação já se prenunciava no processo gradual de aperfeiçoamento do livro impresso, desde alguns séculos. Quando, nos primórdios do desenvolvimento das técnicas de reprodução da escrita, em 1455, Johannes Gutenberg desenvolve a tecnologia dos tipos móveis e inventa, desse modo, o caráter básico da imprensa como a conhecemos hoje, abrem-se caminhos para que, do século XIX em diante, se torne cada vez mais barato imprimir textos. A partir de então, livros e jornais passam a ser mais comuns e estar mais disponíveis na sociedade.

Como alavanca de uma nova etapa da comunicação ocidental, a Internet, determinada por um conjunto de transformações na sociedade, enquanto novo meio para manifestação e circulação da escrita, vem novamente mudar as sociedades e, com isso, as formas de relação do homem com as práticas narrativas daí advindas. Na contemporaneidade, mediadas pelo computador, as técnicas de escrever, produzir sentido, transmiti-lo e recebê-lo adaptam-se a um método de comunicação eletrônica, não necessariamente impresso, mas

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático História da Mídia Digital, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

² Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPA; mestre em Letras pela UFPA; jornalista da Assessoria de Comunicação Institucional da UFPA. E-mail: jessica.souza.jor@gmail.com.

híbrido por excelência, que melhor se apresenta no formato digital. As mudanças geradas por esse processo provocam efeitos estéticos e também culturais, que se refletem nas manifestações escritas, as quais, agora na tela, continuam demandando leitura e interpretação, mas com características diferenciadas.

Entendemos que o tempo e as mudanças nas formas de sociabilidade, em cada contexto histórico-cultural pelo qual o homem passa e percebe diretamente a necessidade de se comunicar com os outros, remodela os padrões até então conhecidos de contar histórias e narrar acontecimentos, e, por extensão, os métodos de escrita. A invenção da escrita exigiu do homem a obtenção de meios de preservá-la, porque a matéria passou a ser considerada mais confiável que a memória. Assim, passou-se das tábuas de barro a pedaços de couro animal e, destes, ao papel... Atualmente, temos o computador como um dos principais suportes para produção e circulação da escrita.

Lajolo e Zilberman (2009, p. 27) afirmam que “o uso da escrita data do quarto milênio antes de Cristo, quando os sumérios começaram a utilizar um sistema que os ajudasse a memorizar e contabilizar o movimento dos seus bens”. Já os primeiros livros da humanidade teriam surgido no Oriente Médio há aparentemente 5.300 anos. As pesquisadoras destacam que “o emprego da escrita acarretou a fixação e a preservação dos textos” (2009, p. 28) e que isso se refletiu em um sentido de sacralidade que fez das práticas de escrita um meio de conservar um saber comum, transmitindo-o de geração a geração.

Sobre a perspectiva de mudança da escrita e das formas de narrar ao longo do tempo devido ao surgimento de novos suportes e suas formas de materialidade, as autoras afirmam:

a difusão da escrita acompanhou-se da multiplicação dos suportes que garantiam seu registro: tabuletas de argila, madeira, pedra, pergaminho, papel, disco rígido, CD e *pendrive*, a escrita experimentou possibilidades mais diferenciadas de armazenamento, algumas mais frágeis, outras supostamente mais resistentes, capazes de conservar seu conteúdo por séculos. Essas mutações são acompanhadas pela variedade de formatos que a escrita assumiu pelos distintos instrumentos de fixação (o estilete, o lápis, o teclado, o mouse), pelas diferenças ortográficas, pelas discussões sobre seus padrões (culto ou popular, urbano ou rural) e sobre o modo mais correto de se expressar. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 29)

Hoje, por exemplo, no século XXI, a informação escrita, mediada por computador, torna-se muito mais efêmera e descartável. Regulada pelos procedimentos da comunicação eletrônica, a escrita tem as mesmas finalidades do passado, porém, já não mais os mesmos efeitos. Uma vez na tela, ela oferece novas possibilidades à interpretação mediante os códigos específicos do suporte em questão, os quais exigem formas particulares de manipulação. Em

uma narrativa online, por exemplo, os links possibilitam um percurso não-linear de acesso à informação, e, o hipertexto associa a escrita à imagem e ao som, dentre outras linguagens, de modo que verificamos que “a escrita, no meio digital, produziu seu próprio código” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 34).

O que aqui propomos é, justamente, uma reflexão sobre as novas linguagens assumidas por esta forma diferenciada de narrativa que surge com a Internet e é praticada no universo online de produção e difusão da informação. Veremos, por exemplo, que as maneiras que hoje se tem para dar ordem a acontecimentos que antes compunham as narrativas observadas nos gêneros tradicionais, apresentam-se marcadas por um sentido de fragmentação que é próprio do momento contemporâneo. A narrativa contemporânea é muito mais uma mestiçagem de diversos gêneros e formatos, que se organiza não mais pela sequenciação ordenada de fatos, mas sim mediante uma ruptura com a temporalidade normal ou objetiva da estrutura tradicional do contar.

Dias (2003, p. 16) explica que, no século XXI, a situação se agrava com a “invasão do real pelo dilúvio de imagens eletrônicas e cibernéticas”, consequência da última revolução capitalista da qual se tem notícia: a terceira revolução tecnológica. Citando Derrida (1994), a autora postula que:

[...] cercados por imagens e simulacros, confundidos pela volatilidade tecnomidiática, reduzidos a um ‘espaço público profundamente conturbado pelos aparelhos techno-telemidiáticos, [...] e pela nova estrutura do acontecimento e da spectralidade que produzem’, jamais soubemos tão pouco a diferença entre o real e a ficção. (DIAS, 2003, p. 16)

A narrativa contemporânea, assim, transforma-se em uma espécie de ponte que liga o mundo real ao ficcional por meio de uma estética onde tudo é possível e cuja eficiência reside no instantâneo de uma vivência concreta, testemunhal, que, por sua vez, integra um sistema cultural mais amplo, que, para além da palavra escrita, estabelece diversas relações com outras artes e mídias, inclusive, as digitais.

Camargo, na apresentação do livro *Literatura, Cinema e Televisão* (PELLEGRINI et al., 2003, p. 9) afirma que, realmente, a diversidade de meios e a hibridação de linguagens que são próprias desse momento “exigem um leitor que não se prenda à letra, mas esteja aberto à diversidade de suportes”, de modo que, assim, percebemos, que a fragmentação da narrativa também está condicionada pela materialidade tecnológica do suporte que a veicula. Assim, a narrativa contemporânea se expressa com base na fragmentação, uma vez que, nesse contexto, o próprio mundo é diverso e fragmentado.

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 332), fragmentar significa “fazer-se em fragmentos; quebrar-se; fragmentação”, enquanto que, fragmento define-se como “cada um dos pedaços de uma coisa partida ou quebrada”. Diante de tal conceituação, entendemos que a narrativa contemporânea pode ser dita fragmentada, porque também a experiência humana, as formas de sociabilidade e as maneiras de representar a realidade, neste momento sócio-histórico, se dão em partes ou de modo fracionado, porque a percepção cultural se faz aos pedaços, condicionada pela natureza segmentária das “imagens e simulações produzidas pelos meios de comunicação e pela tecnologia em geral” (SCHOLLHAMMER, 2002, p. 76).

Aqui, “novas experiências na narrativa podem ser interpretadas como uma procura estética de uma expressão da realidade mais adequada ao momento histórico e cultural desse final de século” (SCHOLLHAMMER, 2002, p. 79). Se, tradicionalmente, as grandes narrativas eram caracterizadas como sequências lineares e bem encadeadas de fatos, formadas por elementos estruturais com funções pré-definidas (BARTHES, 1976) e delimitadas, como tempo, personagens, narradores e suas ações, além das perspectivas narrativas, as narrativas da contemporaneidade, ao contrário, no meio digital, rompem com a estrutura padrão e com a temporalidade normal ou objetiva, para constituir-se sob uma condição de não-linearidade discursiva, na qual o encadeamento é descontínuo, marcado pela desarticulação de enredos, e pela mistura dos papéis desempenhados por narradores e personagens, os quais, agora, podem, até mesmo, desempenharem simultaneamente o mesmo papel.

Ao dizermos, por exemplo, que a narrativa da contemporaneidade é fragmentada, referimo-nos a textos cuja estrutura narrativa se dá sem linearidade, ou melhor, sem começo, meio e fim delineados, oferecendo-nos histórias incompletas, aos pedaços, que não pertencem a nenhum gênero específico ou misturam todos os existentes em um único gênero, com incursões de discursos intimistas ou interiores.

“Agora, encenada pelo uso da informática e da multimídia, que ressalta a velocidade e o contato imediato com o público” (SCHOLLHAMMER, 2002, p. 81), a narrativa ganha novas formas de representação “através do aspecto sensível e material da linguagem, através de hipertextos, bricolage generalizado, surfing, zapping, recopilação e virtualidade” (SCHOLLHAMMER, 2002, p. 81). Assim, a reprodução e a veiculação do texto narrativo, na contemporaneidade, dependem de um sofisticado aparato tecnológico e são por ele condicionadas.

Todos os aspectos até então apresentados como característicos à narrativa contemporânea ficam mais evidentes a partir da observação do gênero textual digital

escolhido para análise. Verificamos que, com os blogs, a experiência do ler e escrever torna-se ainda mais múltipla, o que dissolve a rigidez fundamental em que se baseia a teoria narrativa e as práticas de escrita do passado. Nesse cenário, os links e hipertextos chamam atenção para as particularidades das relações entre autores e leitores virtuais, as quais se desenvolvem em uma nova condição de espaço-tempo, marcada pela não-linearidade. O leitor, agora, pode interferir no funcionamento da narrativa online e colaborar para sua criação, tendo a possibilidade de interagir e atuar também como personagem dessa mesma narrativa.

Os blogs são ainda exemplos fundamentais de narrativa contemporânea porque representam um espaço de expressão inteiramente original que possibilita a manifestação dos estados de consciência e reflexão do autor-narrador e o estabelecimento de uma interatividade deste com seu leitor, podendo ambos transitarem de uma condição a outra. E é o ciberespaço, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 94) que circunscreve esse novo lugar de circulação da escrita, potencializa a escritura e lhe confere novas versões, as quais apenas recebem legitimação enquanto fenômeno próprio do contexto contemporâneo.

2) Blogs: breve histórico, estrutura e organização

A definição clássica afirma que blog é um diário virtual mantido por um usuário na Internet. O fenômeno dos diários eletrônicos, criados em 1999, começa a ganhar impulso a partir dos anos 2000. Concebido como um espaço em que o blogueiro pode expressar o que quiser, e gratuitamente, por meio da atividade escrita, com a escolha de imagens e de sons que podem compor o todo do texto veiculado pela Internet, o blog possibilita a manifestação do modo narrativo em formato de hipertexto, uma vez que os chamados posts (entrada de texto efetuada num blog) podem conter muitos elos para acesso externo a outros blogs e outros textos através dos pontos de conexão chamados links.

Dentre outras características, as narrativas hipertextuais publicadas em blogs são organizadas em uma linha cronológica de tempo, de acordo com a data de publicação; estão associadas a seções para a publicação de comentários dos leitores; e geralmente apresentam linguagem informal e espontânea, que revelam o uso de verbos na primeira pessoa do singular. Ferrari (2007) os define como um dos mais evidentes produtos da revolução digital:

Se no ano 2000 os primeiros blogs ainda começavam a tagarelar na Web, já na primeira metade desta década o fenômeno totalizava nada menos que 30 milhões de endereços, reunindo mais de 700 mil atualizações diárias, o equivalente a 29 mil publicações por hora. A cada minuto, milhares de blogs são criados na rede, num ritmo de crescimento cuja consequência ainda é mistério para os meios de comunicação (FERRARI, 2007, p. 42).

Ainda segundo Ferrari, os blogueiros, de um modo geral, têm mostrado que a grande rede é um “prato cheio” para a prática narrativa, uma vez que os blogs oferecem um interessante objeto de estudo para uma análise que compreende o hipertexto como uma linguagem híbrida. Surge, então, “um novo canal de mídia capaz de criar unidade global [através da conexão via Internet], em que os membros de qualquer unidade cultural ou linguística podem se organizar e agir de forma virtual” (2007, p. 70).

A blogosfera, ambiente virtual no qual muitos blogs encontram-se densamente interconectados, é o lugar em que os blogueiros leem os blogs uns dos outros, criam enlaces para estes, referem-se a eles na sua própria escrita, e trocam comentários sobre as postagens. Segundo a Wikipédia (enciclopédia eletrônica disponível na Web), coincidência ou não, o termo tem similaridade com uma palavra mais antiga: “logosfera”. “Logo” significa muitas coisas, principalmente “palavra”, e, “esfera” pode ser interpretada como “mundo”, resultando em “o mundo das palavras”, ou seja, o universo do discurso.

A expressão “blog” surgiu em 1997. Araújo et. al. (2007, p. 36), citando Blood (2002), explicam que o termo weblog foi batizado por Jorn Barger como resultado de um jargão da união de palavras inglesas: “Web”, que significa “rede de computadores”, e “log”, que significa “registro”, “diário de navegação”, como um diário de bordo. Conforme a autora citada em Araújo, os primeiros weblogs eram sites com indicações de vários links da Web. Com o passar do tempo, os blogs foram associando os links a textos, imagens e sons e criando uma nova forma de narrar específica do ambiente virtual. Por isso, hoje, weblog é a definição para “arquivo na rede” (KOMESU, 2010), referindo-se a um tipo de narrativa digital que é armazenada na Web.

Geralmente, tais arquivos são mantidos na rede por provedores ou softwares especialmente desenvolvidos para tal, como o Blogger, o mais utilizado no mundo, administrado pela empresa norte-americana pertencente ao grupo Google, fundado em 1999 por Evan Williams. O Blogger possibilita a criação gratuita de blogs disponibilizados na Internet com a extensão blogspot.com e possui mais de 15 milhões de usuários cadastrados. Komesu (2010) destaca que tais softwares são concebidos como alternativas populares para a publicação de textos online, uma vez que a ferramenta dispensa o conhecimento especializado

em computação. “A facilidade para a edição e manutenção dos textos em rede foi – e é – o principal atributo para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de autoexpressão”, (KOMESU, 2010, p. 136).

De fato, para criar um blog, o usuário da rede só precisa acessar a página principal do software do servidor e seguir um tutorial de três passos em que, primeiro, cria uma conta ou um cadastro no site, e, na sequência, escolhe um nome/título/endereço eletrônico para, finalmente, selecionar um modelo, isto é, um design gráfico, para o blog.

Dentre outras características, os blogs têm um cabeçalho com um título e um espaço central para a publicação de textos, imagens, sons ou outros arquivos digitais. As entradas de publicações em um blog são denominadas posts, os quais aparecem organizados em uma linha cronológica inversa de tempo, em que os textos são apresentados com data e hora de publicação; assinados pelo blogueiro (nome do autor ou pseudônimo) e associados a uma seção de comentários dos leitores, o que demonstra o caráter público da atividade.

Quando os posts são textos narrativos, podem ser de tamanhos variados, conforme critério da produção do autor – o espaço a ser ocupado é infinito – e, geralmente apresentam linguagem informal e espontânea, revelando o uso de verbos na primeira pessoa do singular: o que sintetiza a expressividade da ferramenta e a instantaneidade da produção escrita, na maioria das vezes, registros do cotidiano.

Soares (2008, p. 131) afirma que, “do ponto de vista estrutural, os blogs, apresentam, portanto, um formato relativamente estável – quase padrão – que lhes garantem uma especificidade, a ponto de serem facilmente reconhecíveis na Internet” e distinguidos de outros sites. O que também os caracteriza é o espaço denominado “perfil do autor”, onde o blogueiro pode informar uma definição de si mesmo ou expor os objetivos do blog. Tal espaço é opcional, podendo o blogueiro fazer ou não uso dele.

Outro recurso opcional frequentemente encontrado nos blogs é a lista para endereços diversos na blogosfera, os quais são indicados pelo blogueiro por meio de links dispostos para livre acesso na sua página principal. Os links, aliás, são elementos indispensáveis para a caracterização de um site como blog, uma vez que tem como matéria prima o hipertexto.

A característica da hipertextualidade está originalmente associada a outra, a da multilinearidade. Isso porque a abordagem mais simples do hipertexto, segundo Lévy (1999), é aquela que o descreve como um texto estruturado em rede, em oposição a um texto linear. Esse modo de fruição e/ou produção textual tem a função de unir sentidos por meio de

vínculos eletrônicos. De acordo com a enciclopédia eletrônica Wikipédia³, o conceito de "linkar" ou de "ligar" textos foi criado por Ted Nelson nos anos 1960 e teve como influência o pensador francês Roland Barthes (1992), que concebeu o conceito de "lexia", isto é, a unidade de leitura que serve como uma espécie de ligação de um texto com outros textos.

Vemos, então, que, com a capacidade de estabelecer ligações desterritorializadas entre texto escrito, sonoro e visual, mais do que uma simples ferramenta, o hipertexto é uma maneira de interagir com textos. O sistema de hipertexto mais conhecido atualmente é a World Wide Web, no entanto, a Internet não é o único suporte onde este modelo de organização da informação e produção textual se manifesta.

O emprego de dispositivos como os links [ou lexias], no ciberespaço, e especificamente na blogosfera, evidencia a função da intertextualidade, fenômeno que já existia bem antes do surgimento das narrativas digitais e que pode ser observado em textos impressos. Para que a intertextualidade se concretize na tela do computador, as ligações entre textos devem estar além de elementos linguísticos secundários para tornarem-se centrais na estruturação do texto. Marcuschi et. al. (2010, p. 178) apontam que a “segmentação do texto [virtual] em unidades menores interconectadas foi uma alternativa para contornar os limites impostos pela tela e incorporar de forma funcional os recursos oferecidos pelo meio”.

Tais unidades menores são os links, os constituintes internos do hipertexto, responsáveis por criarem uma espécie de mapeamento de associações possíveis entre textos no universo da comunicação digital. Os links, ao receberem um click do mouse, fazem uma busca automática de textos, imagens ou outros documentos da Web que estejam a eles associados. Assim, na blogosfera, e nos weblogs de modo individual, eles fazem as vezes das citações ou notas de rodapé, que aí aparecem dinamizadas pelos recursos da tecnologia.

É nesse sentido que o hipertexto relaciona-se à característica da multilinearidade, uma vez que, com a revolução tecnológica, saímos do mundo da sequencialidade para o mundo da associação, em que o ato de ler está conectado ao ato de clicar. “O hipertexto é, assim, uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem, que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície outras formas de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208).

De fato, a leitura e a escritura hipertextuais exigem do leitor/autor um controle de diversos níveis de conhecimento graças ao processo automático de conectar um pedaço de informação a outro. “As páginas adquiriram movimento, imagem, som, e o leitor [ou o autor],

³ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>>. Acesso em: 7 mar. 2011.

submetendo-se a linkagens, intervém, modifica, reescreve o texto lido, tornando-se cada vez mais coautor de novos textos” (SOARES, 2008, p. 112). Vista por esse prisma, podemos dizer que, por meio de gêneros textuais digitais, como os blogs, por exemplo, a narrativa deixou de ter dono ou responsável para transformar-se em produto digital.

A blogosfera une as modalidades sonora, visual e verbal em um mesmo espaço, por meio da linguagem múltipla do hipertexto. A multimídia ou multimodalidade é a característica que permite aos weblogs, a partir das potencialidades tecnológicas do ciberespaço, convergir diversas mídias em uma só. De acordo com a semioticista Santaella, mais do que um mero somatório de mídias, a Internet favorece uma nova configuração discursiva que funde diversas matrizes de linguagem. Os posts de um blog, por exemplo, “são mensagens que se organizam no entrecruzamento e na interrelação bastante densa de diferentes códigos e de processos sógnicos diversos, compondo estruturas de natureza híbrida” (SANTAELLA, 1996, p. 43).

No contexto do ciberespaço, todo blog pode caracterizar-se como uma hipermídia em potencial, sendo a hipermídia entendida como a tecnologia que aplica e põe em prática o fator multimídia do hipertexto. Ferrari (2007, p. 79) observa que “a textura híbrida da hipermídia entrelaçou a sociedade pós-moderna em uma hierarquizada replicação rizomática”, conforme conceito proposto por Deleuze e Guatarri (1995). Isso quer dizer que os processos comunicativos multimídias são marcados pela complexidade semiótica e pelo caráter multidimensional das linguagens próprias ao ambiente de plasticidade e elasticidade favorecido pelo ciberespaço. Nesse mesmo sentido, podemos entender a caracterização da hipermídia enquanto rizoma, também com as palavras de Santaella (2007, p. 394):

A hipermídia não é feita para ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas. Esse percurso de descobertas, entretanto, não cai do céu. Ao contrário, para que ele seja possível, deve estar suportado por uma estrutura que desenha um sistema multidimensional de conexões [o rizoma]. A estrutura flexível [...] permite buscas divergentes e caminhos múltiplos no interior do documento. Quanto mais rica e coerente for o desenho da estrutura, mais opções ficam abertas a cada leitor na criação de um percurso que reflete sua própria rede cognitiva.

Com isso, o que a capacidade hiper e multimídia da blogosfera nos mostra é que o ciberespaço reaproveita as mídias já existentes para criar novos padrões tecnológicos e estéticos no intuito de forjar relações semânticas que possam desempenhar um papel conjuncional entre diferentes linguagens. Novas formas de narrar e novas formas de ler, portanto, surgem com as novas formas de organização textual multimídia. A

multimodalidade, bem como a interatividade, alteram significativamente a natureza do texto na tela.

O conceito de interatividade está, na sua gênese, intimamente relacionado com o uso e desenvolvimento das novas mídias de comunicação. A capacidade multimidiática do hipertexto é o que favorece a interação do usuário com o conteúdo disponibilizado na rede e com outros usuários. Se, inicialmente, a definição do termo estava associada a situações de diálogos presenciais, de maneira direta e face a face, com o surgimento das novas mídias, a exemplo da Internet, o conceito passou a ser utilizado para demarcar a ação de influência mútua entre pessoas e/ou grupos de pessoas por meio do ciberespaço.

A interatividade também é entendida por alguns estudiosos como “uma medida do potencial de habilidade de uma mídia em permitir que o usuário exerça influência sobre o conteúdo ou a forma da comunicação mediada” (JENSEN, 1998, p. 185). Em síntese, de um modo geral, envolvendo a relação entre pessoas ou entre pessoas e conteúdos, conforme aponta Ferrari (2007, p. 98), “a interatividade está relacionada às ideias de comunicação de mão dupla e ao *feedback* do usuário [...], e, também à colaboração do receptor na construção da narrativa digital”. A autora afirma ainda que foram “as possibilidades do meio virtual apresentadas ao usuário/receptor que fizeram com que a Web fosse rapidamente aclamada como interativa” (FERRARI, 2007, p. 99).

De fato, são inúmeras as possibilidades de interação proporcionadas pela blogosfera. A mais evidente delas é aquela que se dá mediante blogueiro e internauta, ou internauta e outros internautas, por meio de comentários sempre associados às postagens. Alguns blogs disponibilizam ainda fóruns de discussão, endereços de e-mail ou chats para conversas online, mas o mais comum são os comentários.

Por meio da seção de comentários dos blogs, o blogueiro interroga o leitor, e, este, questiona o texto, de modo que os comentários são os vínculos que determinam o acolhimento do autor do blog à opinião do leitor com relação a seu texto e que coloca o usuário da rede na condição de interpretá-lo. A interatividade, no ciberespaço, então, legitima-se por meio da relação assíncrona que implica em postar um texto a ser lido, e, a possibilidade do leitor em manifestar, ou não, o sentido que apreendeu como mediador desse texto.

Essa compreensão remete ao entendimento dos blogs como obras abertas, que permitem diversas interpretações, uma vez que o leitor pode acrescentar informações à base já disponível e condicionar os textos de postagens a constantes transformações. O fato de o autor construir a postagem com os recursos do hipertexto também garante ao leitor diversas trilhas de leitura, de maneira que a opção de escolher entre variados caminhos contidos no texto pode

levar a interpretações de múltiplos sentidos. Assim, ao requerer a implicação daqueles que a experimentam, a obra interativa permite que o internauta participe da estruturação da narrativa que recebe enquanto construção coletiva de seus exploradores.

Essa definição dá conta ainda da outra dimensão de interatividade proporcionada pela blogosfera que é a da navegação hipertextual, por meio da qual o leitor/receptor/usuário da rede pode interagir não apenas com o autor do texto virtual, mas também com o próprio texto e outros conteúdos, mediante a sua participação na escolha dos links que compõem o todo da mensagem; sua presença em enquetes e sondagens de opinião; seus clicks em testes online, galerias de imagem, infográficos interativos e especiais multimídia. Outra forma de interagir com o conteúdo de blogs é a assinatura, por parte do leitor, de *feeds* (verbo em inglês que significa “alimentar”), um formato de dados que permite ao usuário ser informado por e-mail quando ocorrem novas postagens ou outras atualizações, como arquivos de áudio, podcasts⁴ e vídeos, no blog que acompanha.

3) Para todo fim, um recomeço

Sob os mais diferentes usos, o blog faz as vezes da agenda, do jornal, da página literária, do álbum de recordação, do caderno de anotar a vida ou diário pessoal, dentre outras infinitas finalidades, uma expressão inteiramente original que prevê a possibilidade de vários sujeitos empregarem a primeira pessoa em uma situação de diálogo e socialização da comunicação. É como se o blog representasse uma grande narrativa formada por micronarrativas individuais, uma vez que o seu principal elemento, ou como prefere Soares (2008), seu constituinte essencial, é o conjunto de blocos de textos sistematicamente renovados: os posts, os quais se caracterizam pela liberdade de construção conforme o gosto do autor.

Como internauta, cada autor, ou blogueiro, pode até transformar-se em um narrador, o qual cria histórias que começam onde o usuário quer começar e acabam onde ele termina de escrever. Conforme são atualizados, os posts vão formando um arquivo de acordo com a data de publicação, que fica disponível na rede por tempo indeterminado.

O que acontece, destacam Araújo et. al. (2007, p. 37), é que, nos blogs, as “letras concretas e palpáveis se transformam em bytes digitais, a página em branco do caderno ou da

⁴ Arquivo de áudio digital, geralmente em formato MP3 ou AAC, que pode conter imagens estáticas e *links*. A palavra é uma junção de iPod ou de *Personal On Demand* (numa tradução literal, “algo pessoal e sob demanda”) e *broadcast* (transmissão de rádio ou televisão). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

agenda torna-se o campo do monitor, o lápis é o teclado e há uma estranha separação entre o nosso corpo, real, e o texto, virtual”. Isto é, um jogo enunciativo diferenciado configura-se nesse espaço relativo à manifestação da escrita, potencializado pelos recursos da tecnologia.

Soares (2008, p. 145) complementa: “o blog satisfaz necessidades que dizem respeito a questões de nosso tempo, tempo real de um mundo sem fronteiras”. É assim que a escrita, por meio dos blogs, sai do âmbito do papel, do livro e da imprensa para adentrar no universo de complexidade ofertado pela Web, onde assume certas características especiais, bastante acentuadas pelo meio ao qual está, agora, conectada.

Mas os blogs não são mais o foco principal dos usuários da rede. Como tudo na Internet é de efêmera duração, os blogs já perderam o brilho para uma nova modalidade de escrita virtual: os micro-bloggings, os quais, por sua vez, oferecem novas potencialidades à escrita e novas características às formas de contar histórias e narrar acontecimentos.

O futuro da narrativa digital é essa forma de publicação que permite aos usuários que façam atualizações breves de texto (geralmente com menos de 200 caracteres) para que sejam vistas publicamente ou apenas por um grupo restrito escolhido pelo usuário. Estes textos podem ser enviados por uma diversidade de meios, tais como SMS, mensageiro instantâneo, e-mail, MP3 ou pela Web. O serviço de micro-blogging mais popular atualmente é o twitter, sendo que as redes sociais facebook, my space e orkut também possuem recursos de micro-blogging. O desafio, agora, é o de documentar a história do tempo presente e ajudar na construção da memória de atuação, usos e funcionamento desses novos (hiper)meios.

Diante do que entendemos: a Internet, no século XXI, entra em cena para democratizar a informação e, portanto, o acesso ao texto, de modo que as novas tecnologias da comunicação são tecnologias da linguagem, e têm a capacidade de submeter essa linguagem a novas modalidades de tratamento. Nesse mundo, nascidos na era digital compõem sua própria forma de produção, introjetam o hábito da leitura ao molde de hipertextos de forma cada vez mais aleatória, simultânea, subjetiva, sensorial e heterogênea, fazendo do novo aparato ferramenta não apenas de recepção, mas de produção e reprodução de narrativas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César (org). **Internet e ensino, novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise estrutural da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa**. 4ª ed. Coleção Novas Perspectivas da Comunicação. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1976.

_____. **S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honore de Balzac**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BLOOD, Rebecca. **The weblog handbook**. Cambridge, MA: Perseus Publishing, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jaques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DIAS, Angela Maria. Representações contemporâneas da crueldade. In: DIAS, Angela Maria & GLENADEL, Paula (orgs.). **Estéticas da crueldade**. Rio de Janeiro: Atlantica Editora, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Poética da pós-modernidade: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JENSEN, J. F. Interactivity: **Tracing a new concept in media and communication studies**. vol. 19. Nordicom Review, 1998.

KOMESU, Fabiana. **Blogs e as práticas de escrita de si na internet**. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (orgs). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Das entrelinhas do texto ao hipertexto *on-line*. In: _____. **Das tábuas da lei à tela do computador** – As leituras e seus discursos. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

PELLEGRINI, Tânia. **Literatura, cinema e televisão**. Tânia Pellegrini et. al. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHOLHAMMER, Karl Erick. À procura de um novo realismo – Teses sobre a realidade em texto e imagem hoje. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLHAMMER, Karl Erick. **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Izabel Cristina. **Blogs, diário íntimo, diário público**. In: NUNES, Paulo. Diversidade cultural: diálogos literários. 2. ed. Belém: Unama, 2008.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.